

**PNV 354**

**Não sei falar porque  
sou... jovem?  
Desafios da hermenêutica juvenil**

**José Luiz Possato Junior**

**São Leopoldo/RS**



**2017**

© Centro de Estudos Bíblicos  
Rua João Batista de Freitas, 558  
B. Scharlau – Caixa Postal 1051  
93121-970 – São Leopoldo/RS  
Fone: (51) 3568-2560  
Fax: (51) 3568-1113  
vendas@cebi.org.br  
www.cebi.org.br

Série: A Palavra na Vida – Nº 354 – 2017

Título: Não sei falar porque sou... jovem? – Desafios da hermenêutica  
juvenil

Autoria: José Luiz Possato Junior

Revisão ortográfica: Isaque Gomes Correa

Capa: Rodrigo Fagundes

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

ISBN: 978-85-7733-278-6

**JOSÉ LUIZ POSSATO JUNIOR** é católico romano. Paulista radicado há 12 anos no Rio Grande do Sul. Iniciou sua caminhada nos grupos de base da PJ (Pastoral da Juventude), no interior de SP. Em 2000, conheceu o CEBI, morando ainda em Curitiba. De lá pra cá, tenho atua sempre com juventudes na perspectiva ecumênica. Possui especialização lato sensu em assessoria bíblica pela EST (tema: hermenêuticas juvenis) e está concluindo o mestrado em Literatura pela UFRGS (tema: emancipação de jovens estudantes por meio da produção de roteiros teatrais).

# Sumário

<b>Introdução</b> .....	5
<b>1. O que é juventude?</b> .....	11
1.1 Algumas definições .....	11
1.2 Fenômeno social moderno .....	16
1.3 Lutas de ontem e de hoje .....	21
<b>2. Jovens na Bíblia</b> .....	23
<b>3. Hermenêuticas: juvenis, juveninas ou juvenistas?</b> .....	37
3.1 O êxodo dos <i>yeladim</i> .....	37
3.2 Sobre figos maduros e políticas públicas .....	41
<b>4. Conclusão</b> .....	47
<b>Referências</b> .....	50



## Introdução

Não faz muito tempo, intensificaram-se no Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) iniciativas de leitura bíblica para (e com) os jovens. A partir de 2010, devido ao Seminário Nacional de Bíblia e Juventudes realizado em Brasília-DF, iniciou-se uma corrida para incrementar a elaboração de materiais e reflexões sobre o tema. Desde então, produziu-se um considerável número de publicações: para os jovens, com os jovens, pelos jovens... O conteúdo vai de análises de conjuntura a práticas de grupos ecumênicos – especialmente a Rede Ecumênica da Juventude (REJU). Poucos subsídios, porém, ousaram refletir a prática da leitura bíblica. Que relação há entre os jovens e a Bíblia? Eles possuem um jeito diferenciado de ler? De que maneira sua mística é influenciada pela leitura popular? Eles são capazes de captar o sentido teológico dos textos? Ou ainda: são capazes de formular um sentido teológico próprio deles? Ou precisam de ajuda para interpretar textos escritos há dois mil anos ou mais?

A bem da verdade, essa não é uma preocupação recente, tampouco exclusiva do CEBI. Em 1992, por exemplo, o padre jesuíta Hilário Dick, neotéfilo<sup>1</sup> e pesquisador da juventude – pioneiro nesse campo, aliás –, publicou *O Jovem na Bíblia*. Este subsídio, inserido numa longa tradição de leitura bíblica para jovens, aponta para uma prática comum entre os grupos da Pastoral da Juventude (PJ) católica romana da época:

---

1 Termo cunhado por ele. Cf. DICK, Hilário: *Cartas a Neotéfilo: Conversas sobre assessoria para grupos de jovens*. São Paulo: Loyola, 2005.

buscar personagens jovens na Bíblia. Quase dez anos depois, já responsável pela estruturação de um programa de pós-graduação em juventude pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)<sup>2</sup>, lançou *Gritos Silenciados, mas Evidentes*<sup>3</sup>, livro que acompanha a atuação dos jovens ao longo da história ocidental, da antiguidade clássica à era contemporânea. Entre eles, alguns heróis e heroínas bíblicos, como Diná, as filhas de Ló, Isaac e Rebeca, José do Egito, Moisés, Rute, Samuel, Davi e Ester. Um pouco antes, o CEBI sistematizou o trabalho desenvolvido em Goiânia com os grupos da Pastoral da Juventude (PJ) e publicou *Escolas Bíblicas para Jovens: 7 Olhares*<sup>4</sup>, subsídio não voltado diretamente aos/às jovens, mas aos/às responsáveis pela assessoria bíblica juvenil. Seguindo o embalo, a campanha *Chega de Violência e Extermínio de Jovens*, lançada pela PJ em 2008 e ampliada para o âmbito ecumênico graças principalmente à contribuição da REJU, que já atravessa quase uma década usando como iluminação bíblica o brado de Ester, considerada uma jovem heroína: “*O meu desejo é a vida do meu povo!*” (Est 7,3).

É difícil perceber quando e onde essa prática teve início. Também entre os evangélicos, históricos ou não, conservadores ou progressistas, é comum procurar jovens na Bíblia<sup>5</sup>. Isso não é ruim. Principalmente se gestado numa perspectiva popular, esse material, via de regra, possui o mérito de dar visibilidade aos mais diferentes grupos juvenis. Algumas questões, porém, devem ser levantadas: Quanto de autonomia (voz e vez) essa prática confere aos jovens? Será que há, de fato, jovens na Bíblia? Textos onde a juventude não aparece não são válidos para alimentar místicas juvenis?

---

2 Atualmente, o programa – pós-graduação *lato sensu* em Juventude no Mundo Contemporâneo – é oferecido pela Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte (FAJE).

3 DICK, 2003.

4 BRITO, 2001.

5 Cf. material disponível em: <<https://sbbtrd.app.box.com/v/plano-de-leitura-jovem>>. Acesso em: 15 nov. 2016. Ou o que se encontra disponível em: <[http://www.nucleodeapoiocristao.com.br/estudos/jovens/7grandes\\_jovens.html](http://www.nucleodeapoiocristao.com.br/estudos/jovens/7grandes_jovens.html)>. Acesso em: 15 nov. 2016.

Voltando ao CEBI e outros meios, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que aliam leitura bíblica e educação popular para transformar suas realidades... Há quem – normalmente os adultos – defenda o assunto como estratégico para a sobrevivência dos núcleos de estudos bíblicos. Segundo eles, qualquer movimento ou organização sem a presença de jovens é sério candidato à extinção, uma vez que não possui material humano para se renovar. Há jovens, por outro lado, que possuem uma visão diferente. Para estas e estes, tal preocupação ainda é um desejo, mesmo que implícito, de manter o controle, uma vez que o aparente reconhecimento da importância da juventude apenas adia sua participação para *algum lugar no futuro*. Alegam não poder participar das decisões de comunidades onde predominam os adultos. Sentem-se limitadas e limitados a continuar os trabalhos em andamento no momento em que lhes forem designados.

Do conflito geracional resultam outros desdobramentos, ainda mais determinantes para se pensar juventude (ou as juventudes) e promover hermenêuticas juvenis. O primeiro advém do momento atual em que, segundo dados do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e do IBGE<sup>6</sup>, o Brasil vivencia um bônus demográfico. Isso significa que houve uma redução da taxa de fecundidade (as famílias estão tendo menos filhos) e uma diminuição da mortalidade (as pessoas estão vivendo mais), tornando maior o número de pessoas em idade de trabalhar (entre 15 e 64 anos) em relação a seus dependentes, crianças e idosos. Se houvesse oportunidades de trabalho para todos, isso seria ótimo para o desenvolvimento econômico do país. Porém, como esse bônus não foi adequadamente planejado (leia-se: não se levou em consideração a parcela pobre da população), o número de vagas oferecidas não cresceu conforme a demanda, o que gerou um grande excedente de mão de obra. O segundo desdobramento, portanto, é consequência do primeiro: o extermínio da massa produtiva sobran-

---

6 Disponível em: <[https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/publicacao\\_UNFPA.pdf](https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/publicacao_UNFPA.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2016.

Sabendo as condições da educação e da socialização das camadas mais pobres, é fácil verificar quem são os primeiros a serem eliminados. A situação se torna ainda mais preocupante sabendo-se que, segundo o IBGE<sup>7</sup>, é na juventude negra que se concentra a maior coorte (estatística) populacional.

O terceiro desdobramento é a chamada rebeldia juvenil. O que o senso comum traz como algo inerente à juventude é apresentado pelos sociólogos como uma espécie de reação à opressão adulta. Nesse sentido é que devemos compreender o clamor dos próprios jovens por uma religiosidade e uma leitura bíblica que contemplem sua visão de mundo. Segundo Novaes<sup>8</sup>, a pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*, realizada em 2003, revela o quão “surpreendentemente” a religião ocupa um espaço significativo entre os assuntos de interesse dos jovens, a ponto deles destacarem o temor a Deus como um dos valores mais importantes para uma sociedade ideal. Para Rodrigues<sup>9</sup>, os grupos religiosos, além de espaços de socialização, são vistos pelos jovens como caminho para mudar sua realidade. Entretanto, é cada vez maior o número dos que buscam experiências alternativas de relação com o sagrado, de preferência sem o intermédio de padres, reverendos ou pastores. Conforme relata Novaes,

Para ter acesso à Bíblia, por exemplo, os jovens brasileiros não precisam desconsiderar a autoridade dos padres ou outros mediadores religiosos tradicionais, nem precisam a eles se submeter. A Bíblia pode ser comprada em qualquer esquina, seus versículos são cantados nas letras de *rap* e aparecem escritos em *outodoors* no centro das cidades, nos muros das favelas e periferias. [...] É nesse cenário que se coloca o desafio de compreender o

---

7 Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2016.

8 NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? p. 265-266. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo M.: *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 263-290.

9 RODRIGUES, Solange dos Santos: Nova Trindade: Busca, Fé e Questionamento. In: *Sociologia Especial Ciência & Vida: Juventude Brasileira*. São Paulo: Escala, 2007. Ano I, n. 2, p. 64-73.



‘quanto’, ‘como’ e ‘quando’ o pertencimento, as crenças e as identidades religiosas influenciam opiniões, percepções e práticas sociais dos jovens desta geração.<sup>10</sup>

Passados mais de 10 anos, o cenário não mudou muito; apenas se aprofundou. Segundo o Censo de 2000, são três as principais mudanças que caracterizam o campo religioso brasileiro hoje, a saber: de 99% de jovens católicos em 1890 passamos para 83,76% em 1991 e 73,77% em 2000; o crescimento dos evangélicos passou de 9,05% em 1991 para 15,5% em 2000; e os “sem religião” saíram de 4,8% em 1991 para 7,4% em 2000.

Atualizando pelo Censo de 2010, temos (em valores aproximados): católicos, 64%; evangélicos, 21,5%; “sem religião”, 10%. E a média de crianças e adolescentes revela que a tendência do Censo de 2020 é aprofundar ainda mais essa diversidade. Até os 14 anos, a média é de 62% para os católicos, 25% para os evangélicos e 8% para os “sem religião”.

O primeiro fato a chamar a atenção é o crescimento do grupo de evangélicos. Não tanto os “de missão”, que se mantêm entre 3% e 4% de 2000 a 2010, mas os jovens pentecostais (15 a 24 anos), que pulam de 9% em 2000 para 13% em 2010. Ainda pensando na estimativa para 2020, vale registrar que a população pentecostal até 14 anos soma 15,8%. Que tipo de leitura bíblica se faz neste grupo? Ela difere da leitura feita entre católicos e outros evangélicos? Rodrigues<sup>11</sup> fala em instituições que buscam atrair jovens para garantir a renovação de seu quadro. Para isso, usam uma “roupagem nova”, mas procuram transmitir e reforçar costumes antigos, o que, podemos deduzir, incluiria uma leitura conservadora da Bíblia.

Outra curiosidade, conforme observa Novaes, é o aumento de uma juventude “sem religião”, mas que crê em Deus e lê a Bíblia<sup>12</sup>. Pela pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, esta representa 11% do total, “sendo

---

10 NOVAES, 2005, p. 265.

11 Cf. 2007.

12 Motivo pelo qual o termo “sem religião” encontra-se entre aspas.

que 10% declararam ‘acreditar em Deus, mas não ter religião’, enquanto apenas 1% identificou-se como ateu e agnóstico”<sup>13</sup>. Rodrigues<sup>14</sup> enfatiza que, longe de ser uma geração descompromissada religiosamente, esta é uma juventude preocupada com uma fé para além das instituições e em busca do sagrado.

Por estas razões é que este trabalho visa propor uma hermenêutica juvenil a partir da perspectiva dos próprios jovens. Para isso, utilizamos aqui o consagrado método popular: ver, julgar e agir. No primeiro capítulo, vemos como a juventude é um constructo social moderno, criado enquanto conceito para controlar o *futuro* da nação.

No segundo capítulo, discutimos a tradução bíblica e os diferentes usos da palavra *jovem*, especialmente na sociedade judaica anterior à era cristã. Para tanto, estudamos somente os textos cuja fonte em hebraico é ainda possível pesquisar.

No terceiro capítulo, propomos exercícios de hermenêutica. Estes serão *juvenistas* porque, por opção metodológica, não temos espaço para realizar uma leitura *juvenina*. Vamos analisar dois textos: um onde apareça algum dos termos estudados no capítulo anterior e outro onde não haja nenhum deles.

Concluindo, retomamos as definições sobre juventude e encontramos pistas para a reflexão de jovens e adultos que queiram aprofundar o assunto.

---

13 NOVAES, 2005, p. 266.

14 Cf. RODRIGUES, 2007.